UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

PEDRO AUGUSTO FREITAS SILVA

A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E OS NÍVEIS DE ENDIVIDAMENTO ENTRE ADULTOS E JOVENS-ADULTOS EM UMA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

VARGINHA – MG

2025

PEDRO AUGUSTO FREITAS SILVA

A RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E OS NÍVEIS DE ENDIVIDAMENTO ENTRE ADULTOS E JOVENS-ADULTOS EM UMA UNIVERSIDADE DE MINAS GERAIS

Trabalho de conclusão de PIEPEX apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Bacharelado Interdisciplinar em Ciências e Economia pela Universidade Federal de Alfenas

Orientador: Gabriel Pessanha

VARGINHA – MG

2025

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo apresentar a relação entre o nível de educação financeira e o endividamento nos adultos e jovens-adultos brasileiros observando a realidade de estudantes universitários de uma universidade de Minas Gerais, por meio de uma pesquisa mista que levantou de 161 estudantes suas percepções sobre seus conhecimentos relacionados a finanças, confrontando os resultados com o aporte teórico. Os resultados trouxeram um levantamento demográfico importante para análise, considerando Gênero, Idade, Estado civil, Número de filhos, Fonte de renda e Renda mensal pessoal (R$). A pesquisa mostra que a maioria dos estudantes possui algum nível de planejamento financeiro, mesmo com renda baixa, indicando que o planejamento não depende apenas da renda. Muitos controlam seus gastos e têm reservas, ainda que insuficientes para o longo prazo. O uso do cartão de crédito é comum, e muitos dependem de crédito para cobrir despesas básicas, o que indica um ciclo de endividamento. A educação financeira é limitada, especialmente em produtos financeiros mais complexos, e está ligada à capacidade de poupar e evitar dívidas. Poucos investem para aposentadoria, mas demonstram preocupação com o futuro. A percepção de endividamento é subjetiva, nem sempre condizente com a realidade. A pesquisa sugere que pessoas com maior conhecimento tendem a ser mais organizadas financeiramente. Por fim, propõe-se que estudos mais amplos analisem novos comportamentos de consumo e endividamento, como a crescente onda de *bets* e apostas *on-line*.

Palavras-chave: Educação Financeira; Planejamento Financeiro; Endividamento

ABSTRACT

This research aimed to present the relationship between financial education levels and indebtedness among Brazilian adults and young adults, focusing on the reality of university students from a university in Minas Gerais. A mixed-methods approach was used, collecting data from 161 students regarding their perceptions of financial knowledge and comparing the results with the theoretical framework. The results provided an important demographic overview for analysis, considering Gender, Age, Marital Status, Number of Children, Source of Income, and Monthly Personal Income (R$). The research shows that most students have some level of financial planning, even with low income, indicating that planning is not solely dependent on income. Many control their spending and have savings, although insufficient for the long term. Credit card usage is common, and many rely on credit to cover basic expenses, indicating a cycle of indebtedness. Financial education is limited, particularly regarding more complex financial products, and is linked to the ability to save and avoid debt. Few invest for retirement, but they are concerned about the future. The perception of indebtedness is subjective, not always aligned with reality. The research suggests that individuals with higher knowledge tend to be more financially organized. Finally, it proposes that broader studies should examine new consumption and indebtedness behaviors, such as the growing trend of online betting and gambling.

Keywords: Financial Education; Financial Planning; Indebtedness

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **6**

2. REFERENCIAL TEÓRICO **7**

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA: CONCEITUAÇÃO E IMPORTÂNCIA 7

2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 90 8

2.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA BRASILEIRA NA ATUALIDADE 8

3. METODOLOGIA **10**

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES **11**

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS **24**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **26**

1. INTRODUÇÃO

Educação financeira é o processo de adquirir conhecimentos e desenvolver habilidades que permitem às pessoas tomar decisões conscientes e responsáveis sobre o uso do dinheiro (Savoia; Saito; Santana, 2007). Envolve a compreensão de produtos, conceitos e riscos financeiros, promovendo maior controle, segurança e bem-estar pessoal (Brutes; Seibert, 2014). Além de contribuir para uma vida individual mais equilibrada e menos ansiosa, ela também fortalece a participação cidadã, favorecendo o desenvolvimento social e econômico (Francischetti; Camargo; Santos, 2014).

A educação financeira é inclusive ressaltada na Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), que inclui acabar com a pobreza, promover o crescimento econômico e reduzir a desigualdade (ONU News, 2021).

No Brasil, a falta de uma cultura de educação financeira tem causado endividamento entre jovens e adultos, tornando-se uma questão alarmante (Cardoso, 2018). Fatores como altas taxas de juros, pandemia, baixo nível de alfabetização financeira, influência das redes sociais e algoritmos que estimulam o consumo são levantados como causadores dos problemas relacionados a dívidas (Cardoso, 2018; Azevedo, 2023; Souza, 2024; Moura, 2025). As consequências disso passam por questões como dificuldade de sobrevivência financeira, saúde mental e depressão (Souza; Rogers; Rogers, 2019).

Em relação a estudantes, o estudo de Donadio (2014) apresenta como existe uma deficiência no nível de educação financeira a nível global e que existem fatores sociais que envolvem e influenciam o nível dessas pessoas.

Com base nessas informações, o objetivo do trabalho é apresentar a relação entre o nível de educação financeira e o endividamento nos adultos e jovens-adultos brasileiros observando a realidade de estudantes universitários de uma universidade de Minas Gerais por meio de uma pesquisa mista que levantou de 161 estudantes suas percepções sobre seus conhecimentos relacionados a finanças, confrontando os resultados com o aporte teórico. A importância desta pesquisa passa pela realidade já levantada por diversas obras que mostram como a educação financeira é um tema importante no mundo, e que, mesmo entre pessoas jovens que estudam em faculdades, ainda existem muitas pessoas que têm dificuldades de controle financeiro (Donadio, 2014).

O texto está organizado em cinco partes, sendo esta introdução, um referencial teórico que

fala sobre o conceito e a realidade brasileira sobre o tema nas últimas décadas, a metodologia da pesquisa, os resultados e as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA: CONCEITUAÇÃO E IMPORTÂNCIA

A educação financeira, de acordo com Santos (2009), que se baseia nos conceitos da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), é definida como o processo pelo qual consumidores e investidores melhoram sua compreensão, informação e habilidades sobre produtos, conceitos e riscos financeiros, ficando mais cientes sobre riscos e sobre as possíveis escolhas que melhorem seu bem-estar.

Para Savoia, Saito e Santana (2007, p. 1122), a educação financeira é

> um processo de transmissão de conhecimento que permite o desenvolvimento de habilidades nos indivíduos, para que eles possam tomar decisões fundamentadas e seguras, melhorando o gerenciamento de suas finanças pessoais. Quando aprimoram tais capacidades, os indivíduos tornam-se mais integrados à sociedade e mais atuantes no âmbito financeiro, ampliando o seu bem-estar.

Brutes e Seibert (2014) complementam que entender sobre finanças pode ajudar a garantir o futuro e alcançar os objetivos pessoais de vida. Os autores ainda destacam que com a mudança da sociedade e dos mercados nos últimos tempos, ter uma educação financeira ajuda as pessoas a navegarem sobre os cenários voláteis da sociedade.

Além disso, a educação financeira é importante para trazer uma vida mais tranquila e com menos ansiedade, pois traz mais controle e segurança para a vida individual (Francischetti; Camargo; Santos, 2014). Quando se pensa no aspecto social, um povo educado nesse sentido tem mais chances de serem empoderados socialmente, culturalmente, de contribuírem para o andamento da sociedade, das políticas e investimentos (Francischetti; Camargo; Santos, 2014).

O Quadro 1 apresenta as diversas formas que a educação financeira é capaz de atuar, considerando a vida individual e social.

Quadro 1 - Atuações possíveis da educação financeira

Camada	Tópicos
Vida Individual - Pessoal/Psicológica	Autonomia e responsabilidade; Controle emocional e hábitos de consumo; Autoestima e segurança financeira
Vida Individual - Familiar	Orçamento doméstico; Redução de conflitos; Planejamento familiar
Vida Individual - Profissional	Decisões de carreira; Empreendedorismo consciente; Redução do estresse financeiro
Vida Individual - Financeira/Econômica	Reserva de emergência; Crédito e investimentos; Planejamento de longo prazo
Vida Coletiva/Social –	Redes de apoio; Empoderamento de grupos; Iniciativas sustentáveis

Comunitária	
Vida Coletiva/Social – Educacional	Currículo escolar; Consciência crítica; Alfabetização financeira
Vida Coletiva/Social - Econômica/Macrossocial	Redução do endividamento; Estímulo ao empreendedorismo; Aumento da poupança nacional
Vida Coletiva/Social - Política/Cidadã	Impostos e políticas públicas; Participação cidadã; Ética nas finanças públicas

Fonte: elaborado pelo autor, com base em Savoia, Saito e Santana (2007), Santos (2009), Brutes e Seibert (2014), Francischetti, Camargo e Santos (2014).

2.2 EDUCAÇÃO FINANCEIRA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 90

A hiperinflação no Brasil durante a década de 90 foi marcada por taxas de inflação extremamente altas. A taxa chegou a acumular quase 2.000% no final da década de 1980 e em abril de 1990 a inflação acumulada chegou a 6.821% (Guitarrara, 2023).

De acordo com Giambiagi e Villela (2005), planos econômicos tentaram controlar inflação como o Plano Cruzado (1986), Plano Bresser (1987), Plano Verão (1989) e Plano Collor (1990). O Plano Brasil Novo (Collor) incluiu medidas drásticas como o confisco de poupanças, onde todas as aplicações financeiras que ultrapassassem o limite de USD$1.200 ao câmbio da época foram bloqueadas por um prazo de 18 meses, mas não conseguiu estabilizar a economia a longo prazo. Segundo Carvalho (2006), o Plano Collor I promoveu um aumento da arrecadação, através da criação de novos tributos, aumento do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), Imposto sobre Obrigações Financeiras (IOF) e outros; redução de prazos de recolhimento; suspensão de benefícios e incentivos fiscais não garantidos pela Constituição, além de uma série de medidas de combate à sonegação.

Já o Plano Collor II objetivava conter as taxas de inflação flexibilizando o congelamento de preços, reabrindo contas bancárias, introduzindo medidas para controlar o gasto público e lançando a moeda cruzeiro para substituir o cruzado novo (Carvalho 2006), porém como as outras demais, não tiveram sucesso. A estabilidade só foi alcançada em 1994 com o Plano Real criado no governo Itamar Franco e executado por Fernando Henrique Cardoso, que inseriu a moeda real para substituir o cruzeiro e acabar com a hiperinflação em níveis aceitáveis e reformas estruturais, estabilizando a economia (Ianoni, 2009).

2.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA BRASILEIRA NA ATUALIDADE

Nos dias atuais, o cartão de crédito no Brasil impulsiona a economia, mas também é um

grande fator que contribui para o endividamento. O país possui uma das maiores taxas de cartão de crédito do mundo, o que faz com que as dívidas cresçam rapidamente, sendo mais de 20% das famílias com dívidas no cartão de crédito (Cardoso, 2018). Entre 2022 e 2023 a inadimplência cresceu 3,58% (Moliterno, 2024).

A pandemia da COVID-19 trouxe uma recessão global e mudanças no mercado de trabalho e economia global enfrenta desafios como comércio lento e altas taxas de juros (Souza, 2024). Com mais conhecimento financeiro, aumenta-se a poupança e os investimentos, favorecendo o crescimento econômico. Porém, o Brasil ainda possui baixo nível de alfabetização financeira: apenas 34% sabem quanto pagam de juros (Moura, 2025). Além disso, fatores como o uso compartilhado do cartão entre membros da família contribui para o alto limite de gastos e inadimplência. Hoje em dia, ter nome restrito não é mais visto com tanto peso como no passado e as pessoas consideram um privilégio ter crédito disponível, além de que a valorização de status e a comparação nas redes sociais contribuem para o consumo impulsivo (Azevedo, 2023). As consequências do endividamento vão além da situação econômica das pessoas, atingindo a saúde, gerando ansiedade e depressão (Souza; Rogers; Rogers, 2019). A cultura do consumo imediato dificulta a estabilidade financeira.

Além disso, fatores como pressão social, consumismo online e medo de não pertencer aumentam ansiedade e depressão e algoritmos influenciam hábitos de consumo, tornando necessário aprofundar o conhecimento financeiro (Souza, 2024). Entidades tentam resolver o problema como o governo na busca de reduzir os juros e a ONU, que apesar de não atuar diretamente, promove a inclusão financeira através das metas de desenvolvimento sustentável, reconhecendo a educação financeira como essencial (ONU News, 2021).

O brasileiro não tem o hábito de planejar financeiramente, reflexo de fatores culturais, econômicos e educacionais (Rocha, 2022). Se tratando de empresas, muitas empresas fecham por não possuir um capital de giro adequado (Qive, 2024). A falta de educação financeira nas escolas impede o desenvolvimento de noções básicas de planejamento (Silva; Powell, 2016).

Educação financeira é adquirir conhecimento para tomar boas decisões diante de problemas financeiros (Santos, 2009). Planejamento financeiro consiste em criar metas, orçamentos e estratégias para curto e longo prazo. Separar despesas fixas e variáveis, analisar os gastos e controlar impulsos ajudam a direcionar melhor o capital. Diferente dos outros países desenvolvidos, onde a educação financeira é material da grade dos alunos como nos Estados

Unidos ou ao menos é ofertada como disciplina facultativa como no Reino Unido, é possível analisar um atraso em relação à preocupação do ensino da educação financeira a população brasileira devido a esse passado conturbado, que leva o indivíduo a levar decisões rápidas a curto prazo e não se planejar para o futuro (Silva; Powell, 2016).

Ter um orçamento e olhar extratos evita gastos desnecessários. Uma forma de se precaver é utilizando seguros. O seguro é essencial para proteção financeira. Segundo o Serasa Crédito (2022), ele ajuda em caso de doenças, invalidez ou morte. Planejar a aposentadoria também é necessário, considerando as necessidades futuras.

Enfim, existem certas semelhanças e diferenças entre o cenário de educação financeira no final dos anos 90 e para os dias atuais. Para sintetizar os dois cenários, o Quadro 2 apresenta um comparativo entre o contexto das finanças nos anos 90 e nos dias atuais.

Quadro 2 - comparativo entre o contexto das finanças nos anos 90 e nos dias atuais

Semelhanças		
Ponto	**Anos 90**	**Hoje**
Educação financeira nas escolas	Inexistente	Ainda persiste a ausência
Comportamento de curto prazo	Incentivado pela hiperinflação	Alimentado pelo consumismo e pressão social
Planejamento familiar	Falta de planejamento era comum	Ainda acontece
Desigualdade social como barreira	Presente	Ainda mais evidente com problemas sociais
Diferenças		
Ponto	**Anos 90**	**Hoje**
Contexto econômico	Hiperinflação, instabilidade, planos econômicos fracassados	Estabilidade relativa, mas com alto endividamento
Causa da desorganização financeira	Inflação e mudanças fortes na economia	Falta de educação, consumismo, influência das redes sociais
Ferramentas disponíveis	Quase nenhuma (sem acesso digital, apps ou metodologias)	Apps de controle financeiro, maior acesso à informação
Comportamento com crédito	Medo de investir e guardar (caso do confisco da poupança)	Uso irresponsável e descontrolado do crédito
Visão da educação financeira	Praticamente inexistente no ensino	Avanços tímidos e maior reconhecimento da sua importância

Fonte: Elaborado pelo autor com base em Carvalho (2006), Ianoni (2009), Cardoso (2018), Guitarrara (2023) e Moliterno (2024).

3. METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza exploratória e descritiva, com abordagem quantitativa e qualitativa. A pesquisa foi desenvolvida por meio considerando o aporte teórico e com a coleta e análise de dados primários. O público alvo foram todos os alunos de uma universidade de Minas Gerais, que abrangia um número de aproximadamente 900 pessoas. A pesquisa foi divulgada para todos os alunos via e-mail com o apoio da administração

da universidade e também divulgada nas redes sociais do autor, atingindo durante março e abril de 2024 um total de 161 respostas, que representa em torno de 18% da população. Os dados foram coletados através do uso da ferramenta *Google Forms*. O formulário (de identificação voluntária) levantou informações demográficas sobre os participantes e realizou diversas perguntas sobre temas relacionados a finanças pessoais, conhecimentos relacionados à educação financeira, buscando traçar relações entre as respostas e a teoria estudada. Após a coleta, os dados foram organizados em planilhas e analisados utilizando ferramentas matemáticas de somatórios e médias, confrontados com o aporte teórico utilizado no referencial teórico. O Quadro 3 apresenta uma síntese do passo a passo da pesquisa.

Quadro 3 - passo a passo da pesquisa

Etapa	Descrição
Metodologia	Pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem quantitativa e qualitativa
Coleta de dados	Formulário via *Google Forms* divulgado por e-mail institucional e redes sociais Público-alvo: alunos de uma universidade mineira (~900); 161 respostas obtidas
Conteúdo do formulário	Levantamento de informações demográficas e perguntas sobre finanças pessoais e educação financeira
Análise dos dados	Organização em planilhas; uso de somatórios e médias e confronto com o referencial teórico

Fonte: elaborado pelo autor

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Primeiramente, é importante classificar e organizar o perfil de todas as 161 pessoas que contribuíram com a pesquisa, para que seja possível combinar as respostas sobre educação financeira com os perfis. Para isso, foi feito o Quadro 4, que traz essas informações de forma consolidada.

Quadro 4 - Informações demográficas consolidadas

Categoria	Subcategoria	Respostas	%	Destaques
Gênero	Feminino	86	53	Maioria
	Masculino	74	46	
	Outro	1	1	
Idade (anos)	16-18	8	5	
	19-22	69	43	Maioria
	22-37	44	27	
	28-35	19	12	
	36-44	16	10	
	44-54	5	3	

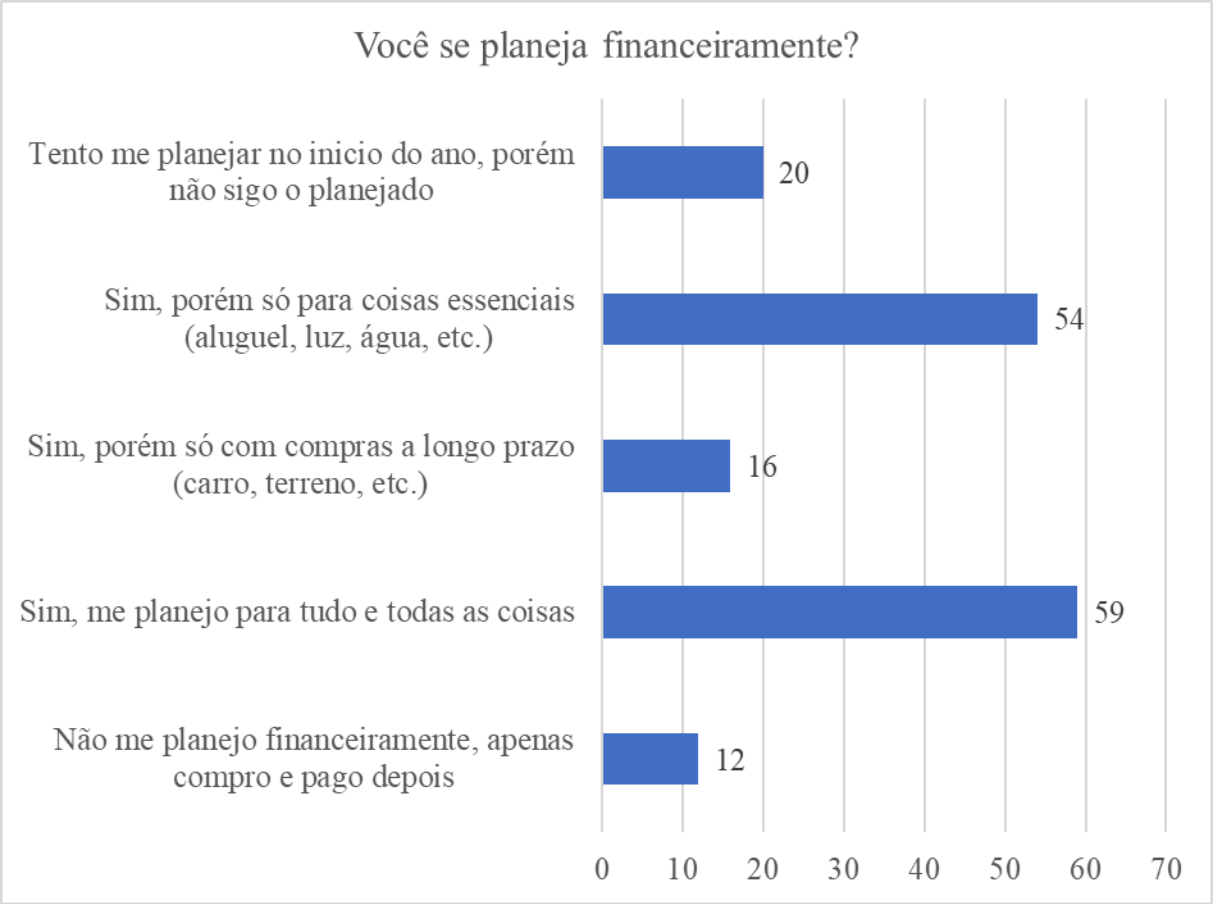
Estado civil	Solteiro	125	78	Maioria
	Casado/União estável	30	18	
	Viúvo	1	1	
	Outro	5	3	
Número de filhos	0	138	86	Maioria
	1	11	7	
	2	8	5	
	3	4	2	
Fonte de renda	Emprego formal	116	72	Maioria
	Auxílio dos pais	15	9	
	Emprego informal	12	8	
	Sem renda	10	6	
	Emprego temporário (bico)	7	4	
	Pensão	1	1	
Renda mensal pessoal (R$)	Até 500	8	6	
	500,01 a 1500	50	31	
	1500,01 a 3000	60	37	Maioria
	3000,01 a 4500	19	12	
	4500,01 a 6000	7	4	
	6000,01 a 7500	1	1	
	7500,01 a 9000	4	2	
	9000,01 a 10500	2	1	
	Acima de 10500	3	2	
	Sem renda	7	4	

Fonte: elaborado pelo autor

A partir dessas informações consolidadas, pode-se já perceber alguns insights que podem ser confrontados com a teoria estudada. O perfil médio das pessoas que contribuíram com a pesquisa é: mulher - 19 a 22 anos - solteira - sem filhos - emprego formal - renda mensal pessoal de R$ 1500,01 a 3000. Ainda que esse seja o perfil médio dos respondentes, o número de pessoas que possuem todas essas características é de 14, representando em torno de 9% da amostra.

Após a exposição do perfil das pessoas, as análises a seguir trabalham em cima das questões sobre finanças e educação financeira. O Gráfico 1 mostra o quanto as pessoas da pesquisa se planejam financeiramente.

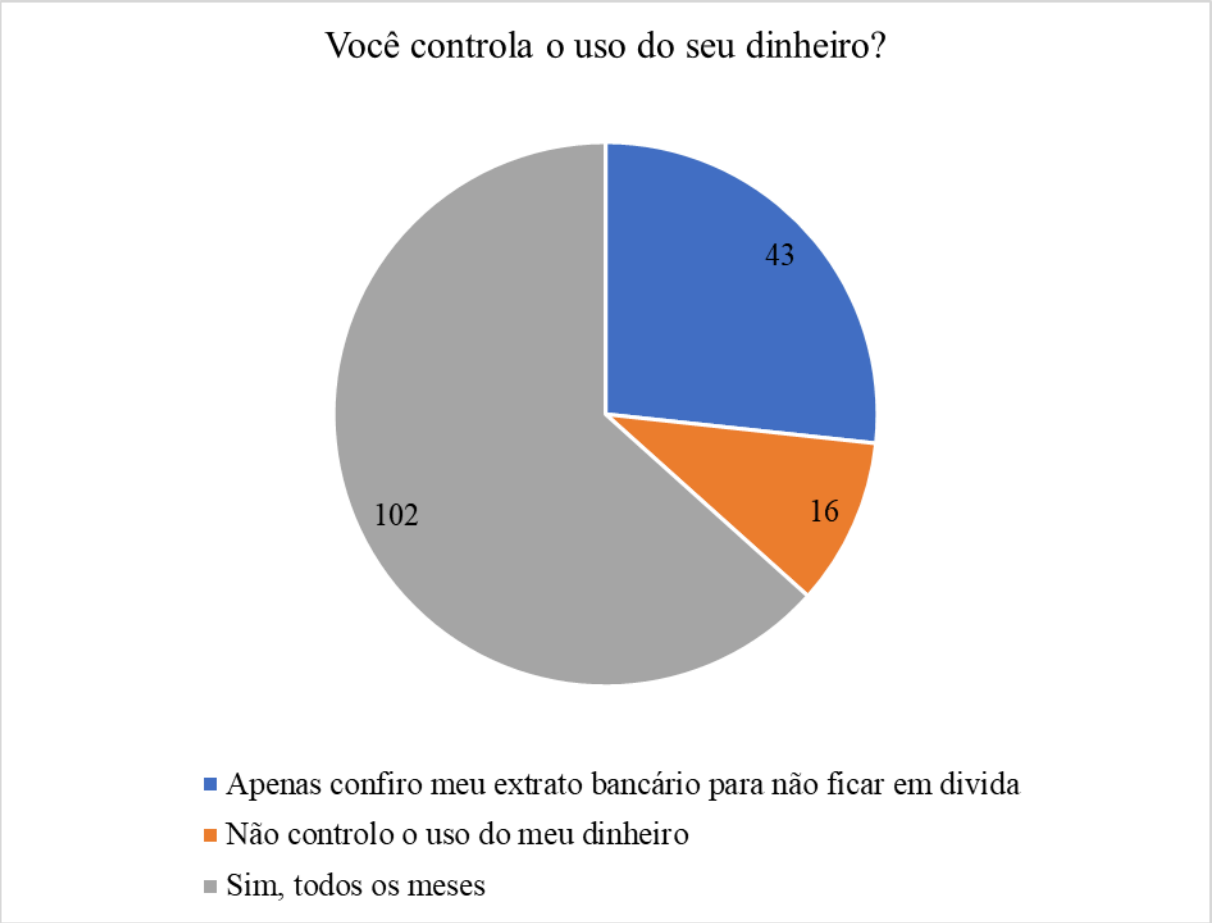
Gráfico 1 - Você se planeja financeiramente?



Fonte: dados da pesquisa

A partir dos dados, 59 pessoas dizem se planejar financeiramente para todas as coisas, 54 pessoas dizem que se planejam para o essencial e outras 16 dizem se planejar para objetivos de longo prazo. Pode-se dizer que a maioria das pessoas possuem algum tipo de planejamento financeiro, demonstrando preocupação com a saúde financeira. Dentre as pessoas que se planejam para tudo, 50% delas possuem renda mensal menor que R$ 1500,01. Isso indica que esses estudantes universitários pensam em planejamento financeiro independente da renda mensal. Donadio (2014) diz que estudantes universitários que possuem educação financeira tendem a ser mais controlados e gerir bem suas finanças.

Gráfico 2 - Você controla o uso do seu dinheiro?



Fonte: dados da pesquisa

O Gráfico 2 mostra que a maioria disse que controla o uso do próprio dinheiro, demonstrando uma preocupação com o orçamento e os gastos pessoais (63%). Essa atitude pode estar relacionada à busca por mais segurança financeira, como dizem Brutes e Seibert (2014), que falam sobre o papel do controle financeiro para alcançar objetivos e reduzir estresse. É importante lembrar que controlar não significa necessariamente planejar com eficácia ou evitar endividamentos.

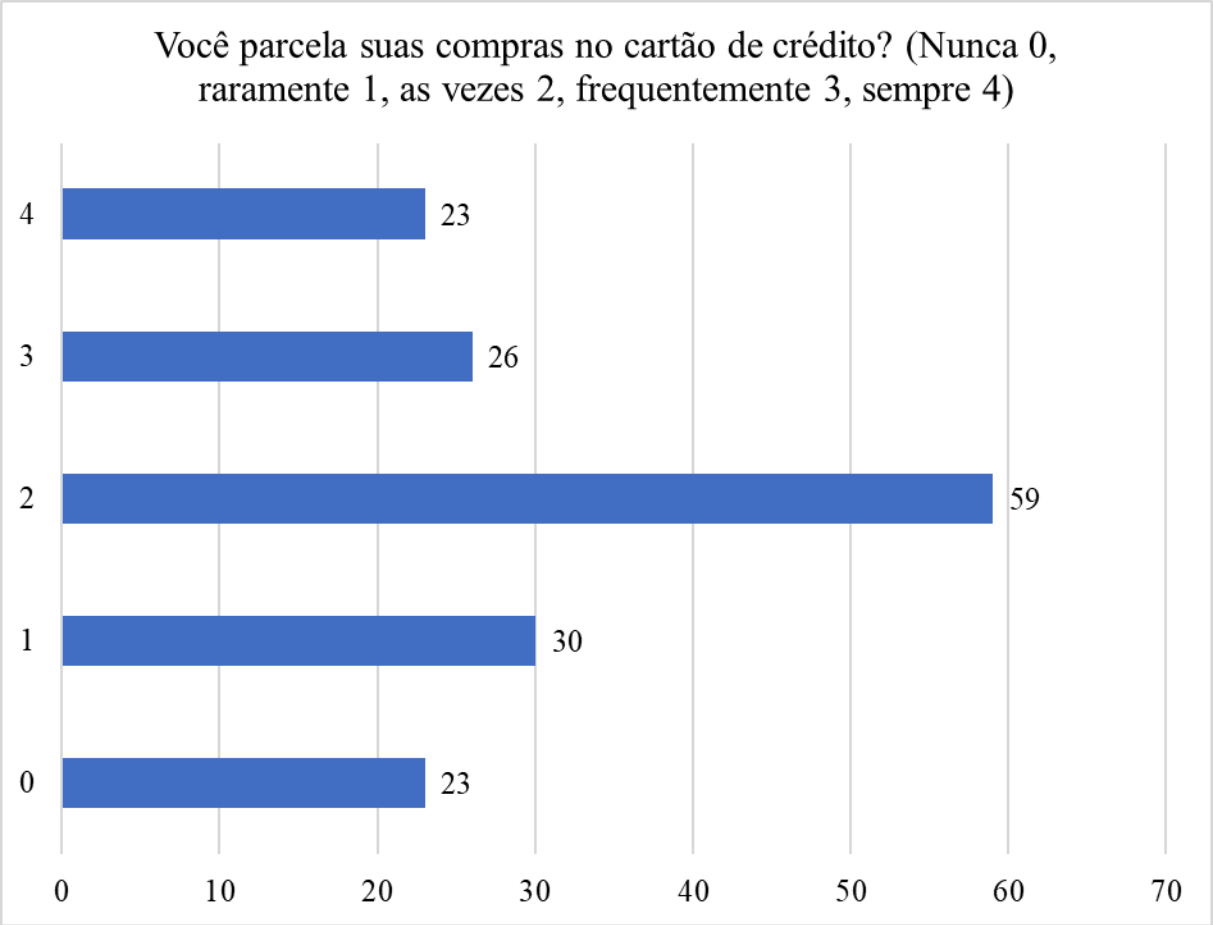
Dentre as pessoas que não controlam o uso do dinheiro (16), 12 delas são do sexo feminino. A pesquisa de Donadio (2014) encontrou resultado semelhante quando disse que o público feminino tem relativamente menos conhecimento sobre educação financeira que o masculino.

Os Gráficos 3, 4 e 5 abordam questões sobre cartão de crédito.

Gráfico 3 - Você utiliza cartão de crédito?

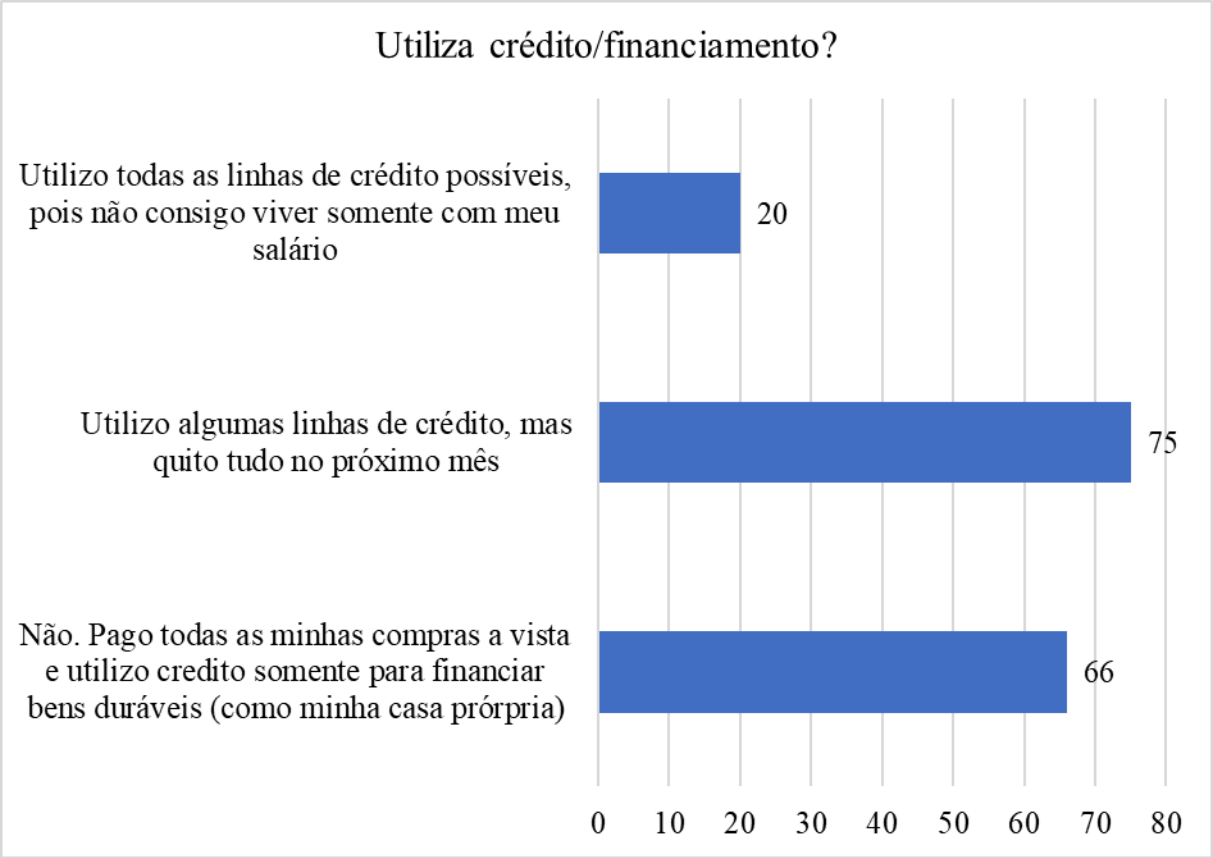
Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 4 - Você parcela suas compras no cartão de crédito?



Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 5 - Você utiliza crédito/financiamento?



Fonte: dados da pesquisa

O Gráfico 3 mostra que a maioria dos estudantes diz utilizar cartão de crédito (86%). Esse número faz sentido conforme a realidade da sociedade atual, que faz o uso constante de cartão de crédito e que é muito comum entre jovens e estudantes. O Gráfico 4 confirma isso com os números que mostram que 70% parcelam compras pelo menos as vezes, 33% pelo menos com boa frequência. Assim como diz a teoria estudada, o uso do cartão pode ser prático, mas também pode ser perigoso quando mal utilizado. Cardoso (2018) diz que o Brasil possui uma das maiores taxas de juros do mundo sobre cartão de crédito, sendo comum o endividamento e a inadimplência (Moliterno, 2024). Além disso, a teoria explica o uso constante também por causa da influência da internet e redes sociais que apelam para o consumo imediato das coisas (Azevedo, 2023; Souza, 2024).

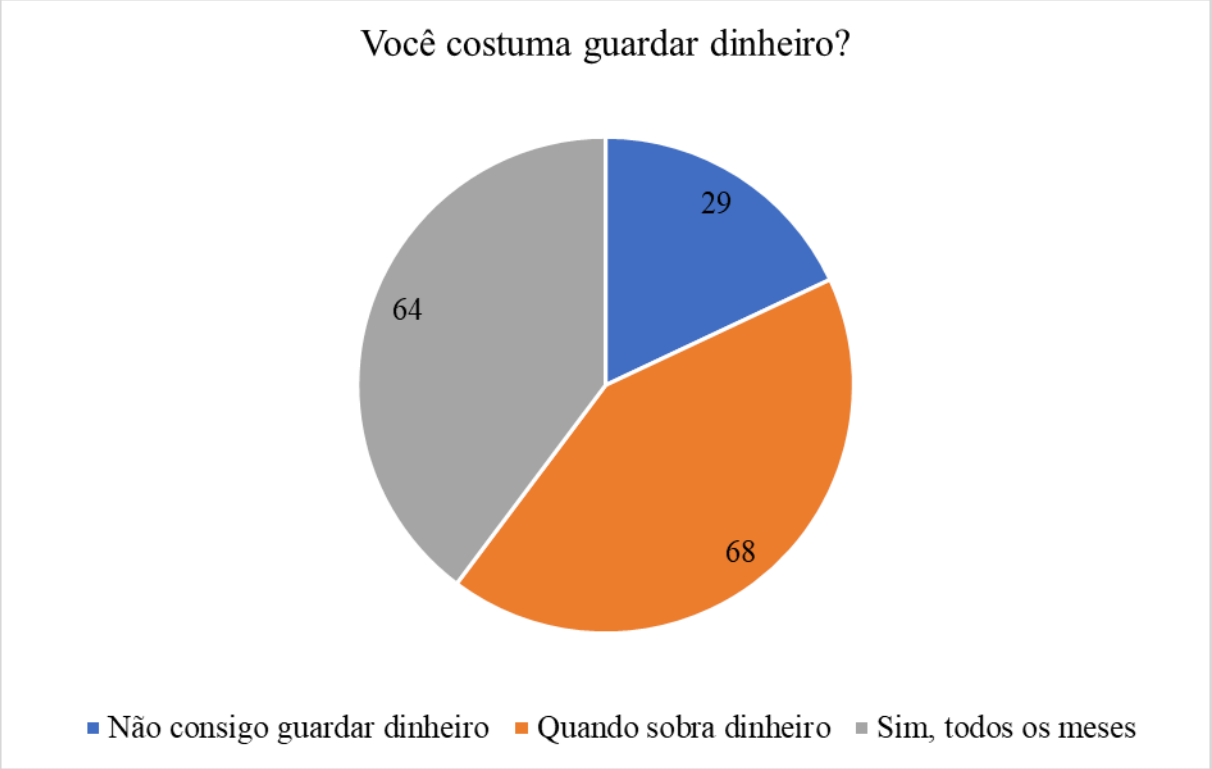
O Gráfico 5 estende a conversa para outras linhas de crédito. 12% das pessoas vivem em constante uso com diversas linhas de crédito, pois não se sustentam sem elas. Um fato interessante é que das 20 pessoas que compõem esses 12%, 19 pessoas possuem empregos formais. Porém, das 19 pessoas, 15 delas possuem renda mensal pessoal em torno do salário

mínimo ou menos. Ainda que os empregos sejam formais, esses dados fazem sentido com levantamentos que mostram como o salário mínimo não acompanha as dívidas e o custo de se viver no Brasil (Matsue, 2024). Os dados mostram que as dívidas são altas e que motivos relacionados a crédito e financeiras somam 39% (Matsue, 2024). Além disso, um fator recente no cenário mundial tem afetado a economia de forma negativa e gerado dívidas: as *bets* esportivas e cassinos *on-line*. Matsue (2024) mostra que apostas esportivas geraram um prejuízo de R$ 117 bilhões ao comércio brasileiro entre junho de 2023 e junho de 2024, sendo 0,62% do PIB, inclusive influenciando aproximadamente 5 milhões de beneficiários do Bolsa Família, que enviaram R$ 3 bilhões para apostas via Pix, o que corresponde a 20% do valor do programa social (Matsue, 2024).

Indo além, a recente onda de apostas *on-line* tem relação direta com a falta de educação financeira no país. Dados mostram que 35% dos interessados em fazer um curso superior em 2024 não começaram o curso por usar recursos com apostas on-line, em torno de 1,4 milhão de pessoas (Alfano, 2024).

Os Gráficos 6, 7 e 8 falam sobre guardar dinheiro e reservas financeiras.

Gráfico 6 - Você costuma guardar dinheiro?

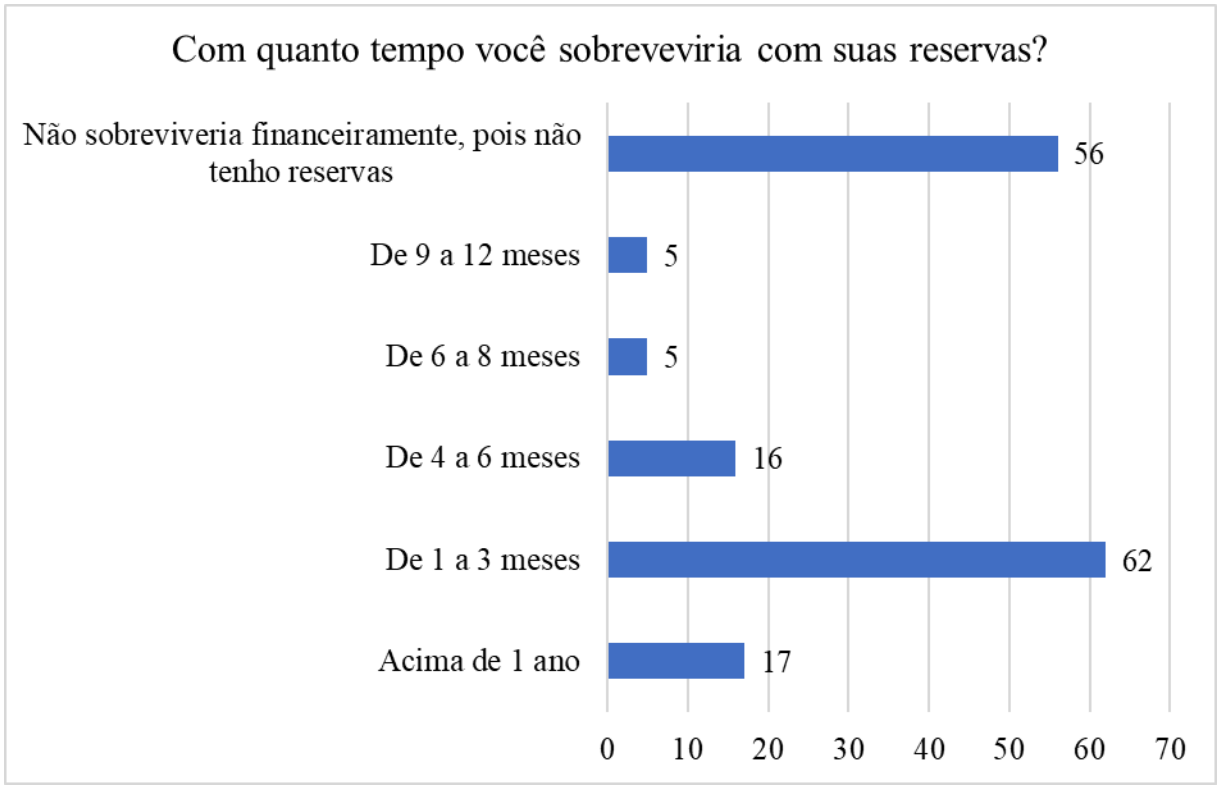


Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 7 - Você possui reservas financeiras?

Fonte: dados da pesquisa

Gráfico 8 - Com quanto tempo você sobreviveria com suas reservas?



Fonte: dados da pesquisa

O Gráfico 6 mostra que 60% das pessoas não conseguem guardar dinheiro ou apenas quando sobra. Dentre esses 60%, que são 97 pessoas, 77 delas possuem renda mensal pessoal em torno do salário mínimo ou menos, sendo um dado coerente com as informações de Matsue (2024). Não é possível guardar dinheiro se é necessário quitar as despesas com o auxílio de linhas de crédito. O resultado se torna um constante e gradual ciclo de endividamento.

Apesar disso, o Gráfico 7 mostra que a maioria dos estudantes afirmou ter reservas financeiras. Isso indica que quando sobra dinheiro, essas pessoas procuram fazer reservas, o que demonstra preocupação e educação financeira que é aplicada quando possível.

O Gráfico 8 mostra que entre os que possuem reservas, a maioria sobreviveria por no máximo três meses, mostrando como ainda que exista educação financeira, que é aplicada apenas quando possível, a realidade dessas pessoas dificulta o planejamento financeiro de longo prazo. Isso faz sentido com Silva e Powell (2016), que apontam mostram como o foco do brasileiro está em decisões de curto prazo, seja por um passado e presente de instabilidade econômica e ausência de educação financeira na formação básica.

Gráfico 9 - Você se considera endividado?

Fonte: dados da pesquisa

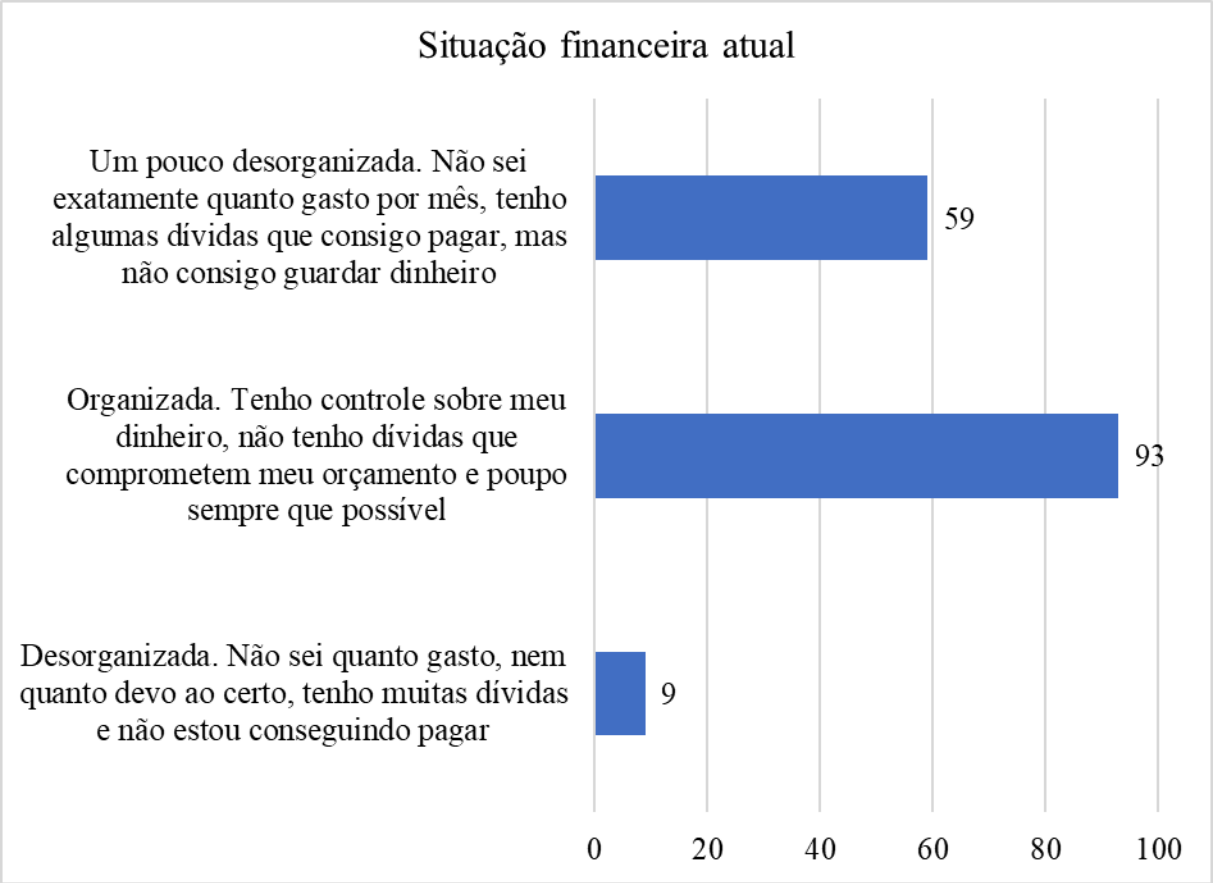
O Gráfico 9 confirma os dados do Gráfico 7, pois, se as pessoas possuem reservas financeiras, ainda que pequenas, elas não estão endividadas. Não se sabe a fundo a vida financeira dessas pessoas, mas com base no entendimento delas, suas capacidades de arcar com seus compromissos financeiros é ao menos suficiente para que não se considerem endividadas. Ainda que 56 pessoas (Gráfico 8) não possuam reservas, vivem longe do que consideram alguém endividado. Das 56 pessoas, 21 delas possuem renda menor que R$ 1500,01 ou não possuem renda própria. Isso pode indicar que, mesmo com uma renda baixa, não se consideram endividadas. O Serasa (2023) entende que existe um grau de endividamento, no qual diz o quanto da renda mensal está comprometida com dívidas. Para isso, tem-se o cálculo: (Total de dívidas / Total de ganhos) X 100 = %. O Quadro 5 mostra alguns exemplos.

Quadro 5 - Grau de endividamento

Faixa %	Situação financeira	Ação	Exemplo
Até 30%	Dívidas sob controle	Vida financeira controlada	(R$ 900 ÷ R$ 3.000) × 100 = 30%
30% a 35%	Início do alerta	Reduzir gastos e organizar orçamento	(R$ 1050 ÷ R$ 3.000) × 100 = 35%
35% a 40%	Risco elevado	Mudar hábitos e rever finanças	(R$ 1200 ÷ R$ 3.000) × 100 = 40
Acima de 40%	Endividamento	Priorizar quitar dívidas e replanejar	(R$ 1350 ÷ R$ 3.000) × 100 = 45%

Fonte: elaborado pelo autor com base em Serasa (2023)

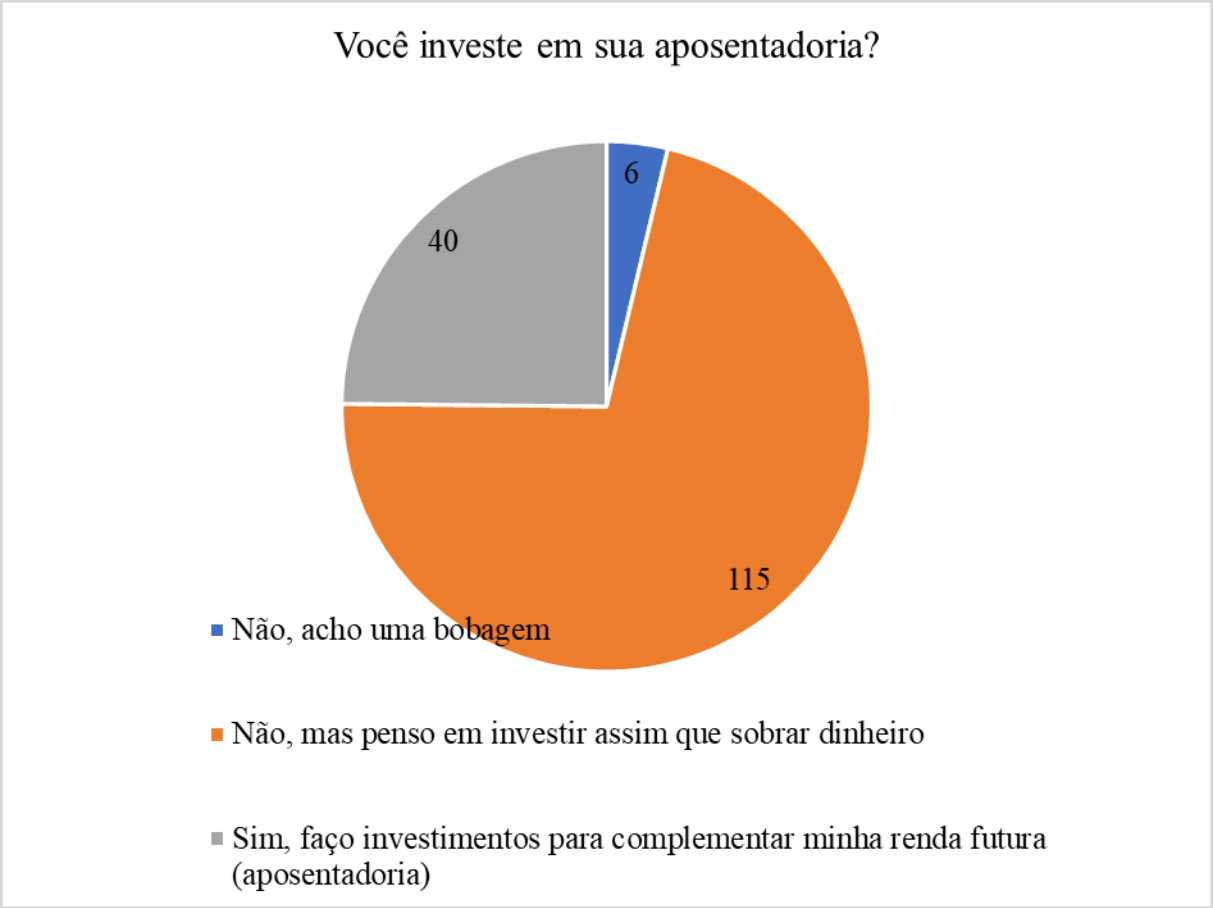
Gráfico 10 - Situação financeira atual



Fonte: dados da pesquisa

O Gráfico 10 mostra que 59 pessoas possuem algumas dívidas, mas não se consideram endividadas, o que confirma a análise anterior. A definição de estar endividado ou não foi individual, considerando que 31 pessoas se consideram endividadas (Gráfico 9), porém apenas 9 pessoas entendem sua situação financeira desorganizada. Educação financeira e endividamento são duas coisas que passam por muitas questões como conjuntura, conhecimento técnico, fatores emocionais, sociais e estruturais (Azevedo, 2023; Souza, 2024).

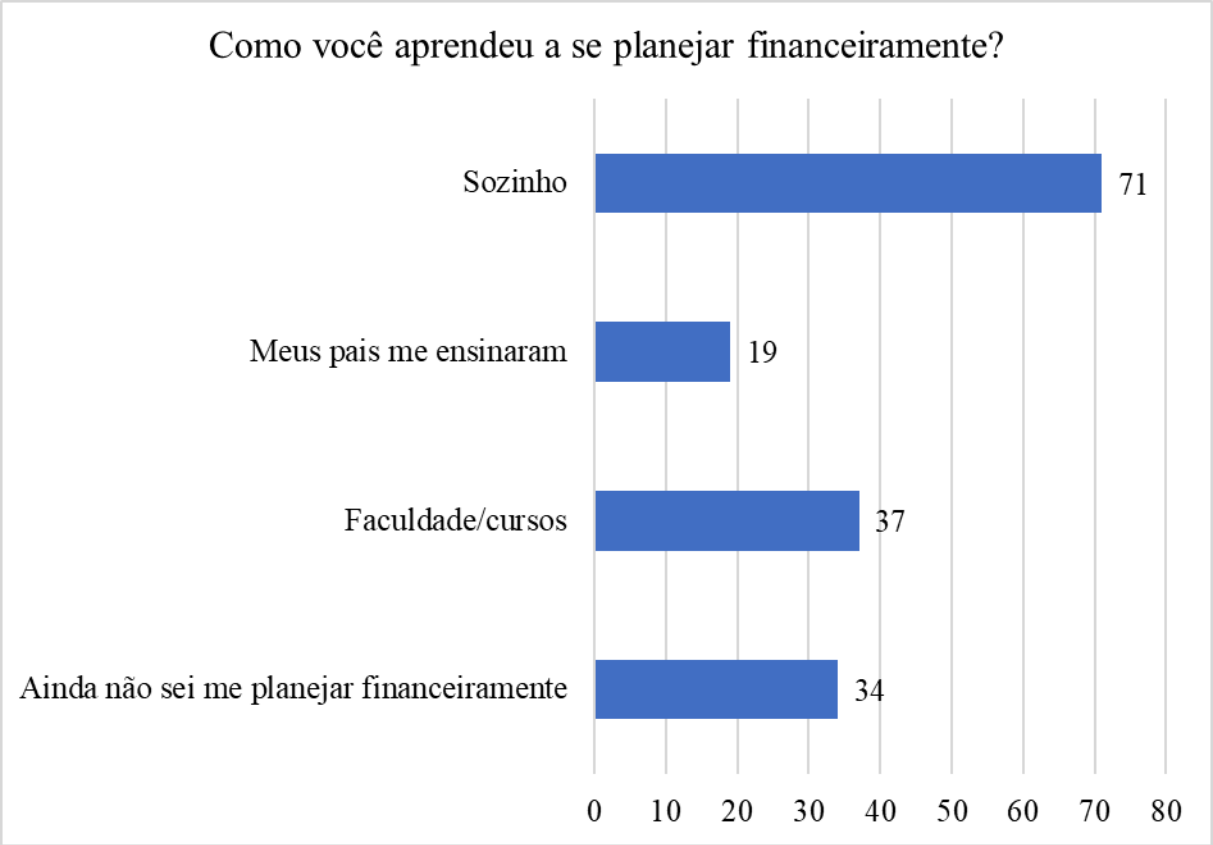
Gráfico 11 - Você investe em sua aposentadoria?



Fonte: dados da pesquisa

O Gráfico 11 mostra que a minoria dos estudantes investe em aposentadoria, o que é comum entre os jovens, porém pode ser prejudicial para o futuro deles. Porém, a maioria deles ao menos se preocupa com isso e leva em consideração investir quando tiverem dinheiro sobrando. Isso faz sentido com outras análises (Gráficos 6 e 7) que já contaram como essas pessoas guardam dinheiro quando possível. Apesar disso, a teoria mostra que pensar no futuro ainda é algo novo para os jovens no Brasil, e mostra a necessidade de uma mudança na cultura e na educação financeira (Donadio, 2014; Cardoso, 2018).

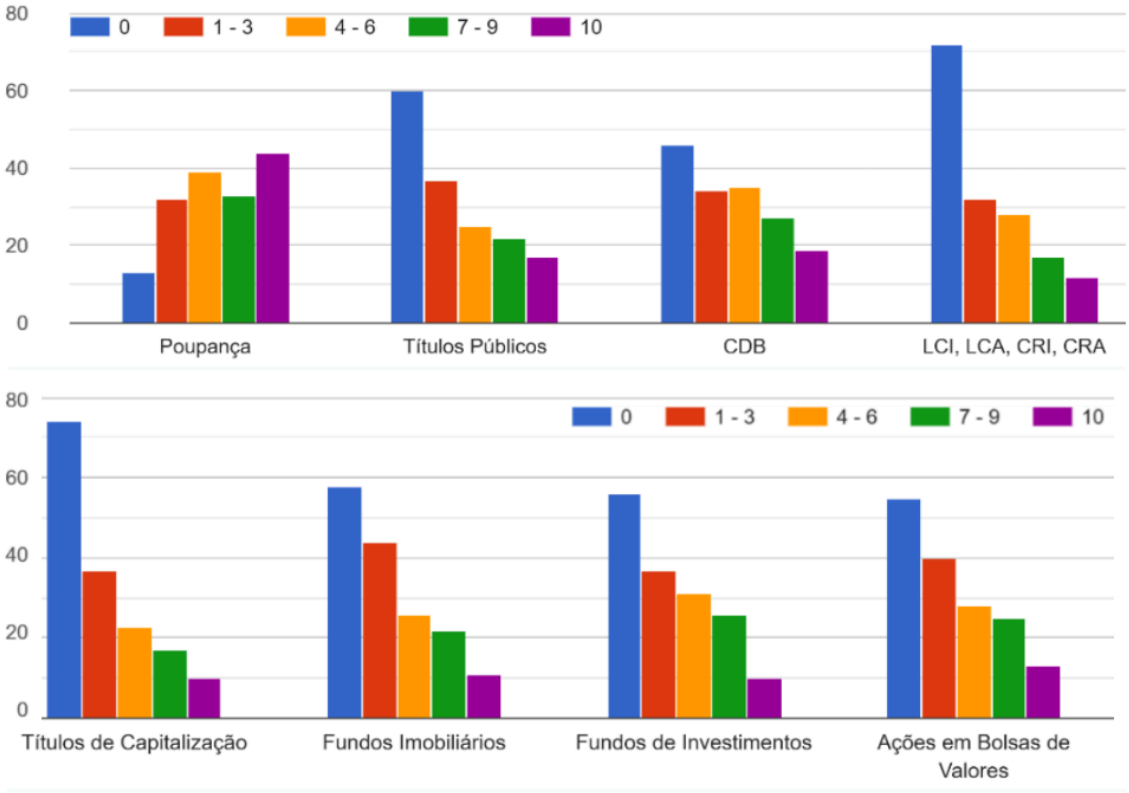
Gráfico 12 - Como você aprendeu a se planejar financeiramente?



Fonte: dados da pesquisa

O Gráfico 12 mostra que a maioria diz ter aprendido sozinho, confirmando a ausência de educação financeira na educação brasileira em disciplinas e práticas educativas (Silva; Powell, 2016). Aprender por conta própria é útil, porém pode ser limitado e não o suficiente para que a realidade do país mude com mais profundidade. Para entender melhor esse conhecimento dos estudantes, o O Gráfico 13 avaliou o nível de conhecimento em relação a 8 diferentes tipos de investimentos. Explicou-se que o conhecimento poderia ser medido numa escala de 0 a 10 se a pessoa soubesse avaliar se uma aplicação financeira é boa ou não, se não está adequada à estratégia do investidor, rentabilidade, riscos, prazos e imposto de renda, etc.

Gráfico 13 - Qual seu nível de conhecimento nesses investimentos?



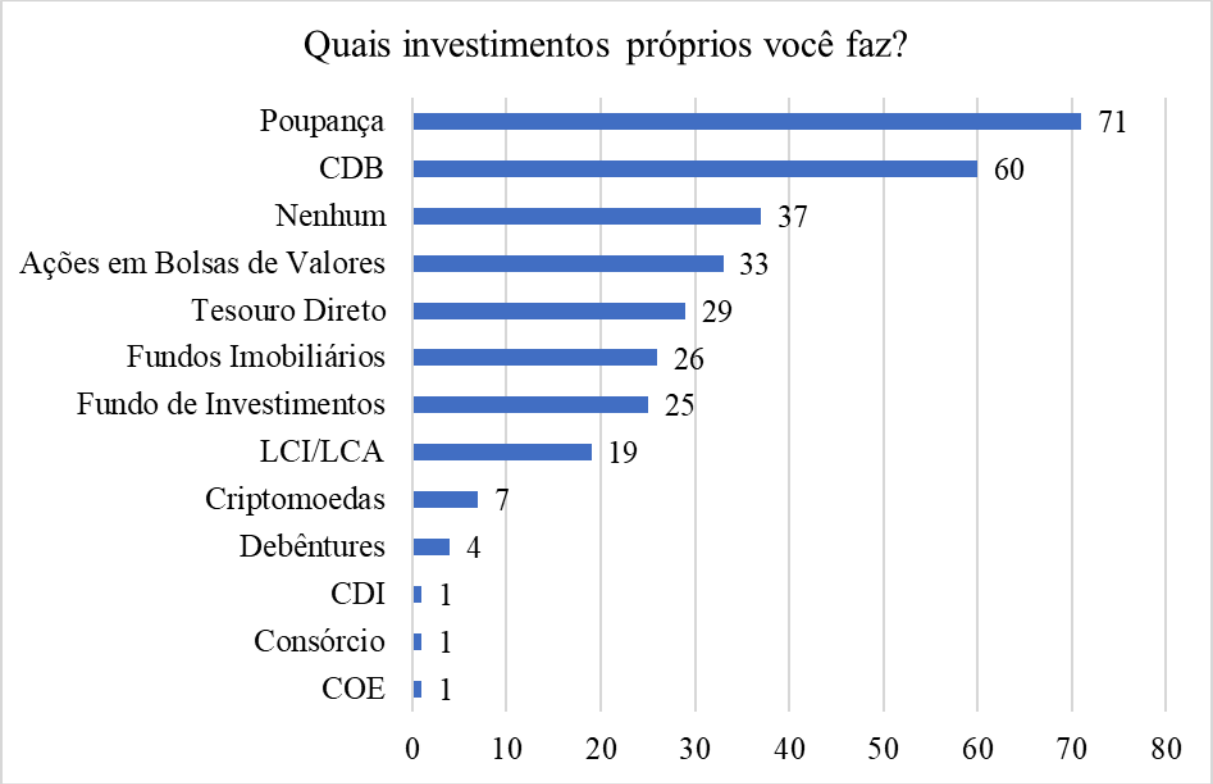
Fonte: dados da pesquisa

Pode-se observar pelo Gráfico 13 que o nível mais baixo da escala (nível 0) foi o mais presente, ou seja, a primeira impressão que se pode tirar é que o nível de educação financeira dos estudantes é pequeno, o que faz sentido com a teoria (Donadio, 2014; Silva; Powell, 2016; Cardoso, 2018). Apenas a poupança é bem conhecida pela maioria e os outros investimentos não são tão conhecidos. Além disso, os investimentos como LCI/LCA/CRI/CRA e títulos de capitalização são os mais desconhecidos, com maior número de nível 0, mostrando uma falta de educação financeira especialmente nos investimentos mais técnicos de renda fixa e os de renda variável. Trazendo algumas correlações, tem-se que dentre as pessoas que disseram que tem conhecimento igual ou maior que 7 sobre LCI/LCA/CRI/CRA e Títulos de Capitalização (já que são os dois temas com maior número de nível 0 em conhecimento), a maioria delas possuem reservas financeiras. Já entre a faixa de nível 3 ou menos, o número de pessoas com reserva financeira ou não é bem dividido. Isso traz uma correlação entre nível de conhecimento em produtos financeiros técnicos e vontade/capacidade de guardar dinheiro. Do outro lado, entre as 45 pessoas que possuem conhecimento nível 3 ou menor em Poupança (considerado o produto financeiro mais simples e popular), 13 delas se consideram pessoas endividadas, lembrando que o

número de pessoas que se consideram endividadas é de 31, ou seja, 42% dos endividados possuem conhecimento nível 3 ou menor em Poupança. Isso faz sentido com a teoria, que diz que a tendência de quem não possui educação financeira é o endividamento (Cardoso, 2018).

Esses resultados mostram a importância da ideia da OCDE (Santos, 2009), de que a educação financeira deve incluir compreensão de produtos financeiros, riscos e planejamento (Brutes; Seibert, 2014).

Gráfico 14 - Quais investimentos próprios você faz?



Fonte: dados da pesquisa

O Gráfico 14 mostra a confirmação dos resultados da análise anterior, com os títulos públicos sendo os mais investidos, já que são os que as pessoas têm mais conhecimento. Trazendo algumas correlações: Todos que investem em LCI/LCA não se consideram endividados, possuem reservas financeiras e não possuem filhos. Todos que investem em Ações em Bolsas de Valores não se consideram endividados. Apenas 1 possui filhos. Todos que investem em Fundo de Investimentos não se consideram endividados e possuem reservas financeiras.

A relação entre ser capaz de investir e não possuir dívidas é clara e esperada. Além disso, em todos esses casos, em raros casos as pessoas possuem filhos, o que mostra como maior

liberdade financeira se correlaciona com menos filhos, já que quanto mais complexa é a família, mais complexo é o planejamento familiar financeiro (CNDL Brasil, 2018).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo apresentar a relação entre o nível de educação financeira e o endividamento nos adultos e jovens-adultos brasileiros observando a realidade de estudantes universitários de uma universidade de Minas Gerais, por meio de uma pesquisa mista que levantou de 161 estudantes suas percepções sobre seus conhecimentos relacionados a finanças, confrontando os resultados com o aporte teórico. Os resultados trouxeram um levantamento demográfico importante para análise, considerando Gênero, Idade, Estado civil, Número de filhos, Fonte de renda e Renda mensal pessoal (R$), que gerou o perfil médio de mulher - 19 a 22 anos - solteira - sem filhos - emprego formal - renda mensal pessoal de R$ 1500,01 a 3000.

Em síntese, a maioria dos estudantes demonstra ter algum tipo de planejamento financeiro. Mesmo os que têm renda baixa, muitos se organizam financeiramente, indicando que o planejamento não depende apenas da renda. Donadio (2014) diz que educação financeira contribui para esse controle.

A maioria diz controlar o uso do dinheiro, se preocupando com as finanças pessoais e buscando segurança. A maioria dos que não controlam são mulheres, fazendo sentido com a pesquisa de Donadio (2014) sobre menor conhecimento financeiro entre o sexo feminino.

A maioria usa cartão de crédito, sendo esse um hábito comum entre jovens. Muitos também parcelam compras, podendo ser algo arriscado. Cardoso (2018) e (Souza, 2024) falam sobre os altos juros do Brasil e como o consumo é incentivado pelas redes sociais.

Boa parte dos estudantes dependem de crédito, mesmo com emprego formal, o que mostra como o salário mínimo é insuficiente para lidar com o custo de vida no país. A maioria não consegue poupar ou só guarda quando sobra. A maioria desses estudantes tem renda em torno do salário mínimo, o que reforça o ciclo de endividamento, já que é necessário usar crédito para cobrir as despesas básicas.

Apesar das dificuldades, muitos estudantes dizem ter reservas financeiras. Isso indica que, quando possível, eles poupam, o que demonstra alguma educação financeira. A maioria desses que possuem reservas financeiras dizem só conseguir se manter com essas reservas por até três meses, o que traz uma dificuldade de se fazer um planejamento de longo prazo. Isso faz sentido

com a instabilidade econômica e falta de educação financeira básica no Brasil.

Mesmo com pouca ou nenhuma reserva, muitas pessoas não se consideram endividadas, demonstrando uma percepção individual de endividamento. O Serasa considera como critério o percentual da renda gasta com dívidas.

Poucos estudantes investem pensando na aposentadoria, mas a maioria demonstra preocupação com o futuro. Parece que existe uma intenção, barrada pelas condições atuais dessas pessoas, o que diz muito sobre a cultura, a educação e a condição de vida.

O nível de educação financeira dos estudantes é baixo, principalmente em investimentos mais técnicos. Há uma correlação entre conhecimento financeiro e capacidade de guardar dinheiro. Entre os endividados, muitos têm pouco conhecimento até mesmo sobre poupança, que é o produto financeiro mais simples e popular.

Estudantes que investem em produtos mais complexos não são endividados e possuem reservas financeiras. Além disso, tendem a não ter filhos, trazendo que maior liberdade financeira pode se relacionar com estruturas familiares menos complexas.

Diante de toda a pesquisa, teoria e resultados, percebe-se como esse tema é relevante para a sociedade que se encontra endividada por diversos motivos. As dívidas das pessoas têm aumentado e recentemente por novos motivos, como a influência da recente onda de apostas on-line Matsue (2024; Alfano, 2024). Esse novo fenômeno tem gerado prejuízo na economia e no bolso das pessoas, inclusive daquelas que utilizam benefícios sociais de complemento de renda, tendo relação direta com a falta de educação financeira no país, com 35% dos interessados em fazer um curso superior em 2024 que não começaram o curso por usar recursos com apostas on-line, sendo em torno de 1,4 milhão de pessoas (Alfano, 2024).

A pesquisa mostrou como a educação financeira, ou a falta dela, influencia a vida das pessoas de diversas formas, e cada vez mais a sociedade cria novas formas de transtornar a saúde financeira da população, junto a diversos fatores pessoais e sociais que têm feito as pessoas caírem no mundo das dívidas. Dentre as pessoas que possuem mais educação financeira, a tendência, de acordo com a teoria e os resultados, é que sejam mais controladas e possuam estabilidade financeira.

A pesquisa olhou para apenas uma universidade e entende que mais pessoas e mais fatores podem ser estudados, como analisar mais profundamente como e onde as pessoas estão gastando o dinheiro e também tentar entender mais sobre a onda de *bets* e apostas *on-line* e ver como essas

novas formas de endividamento afetam a vida das pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFANO, B. Brasileiros estão abrindo mão da graduação para gastar com bets e jogo do tigrinho, diz pesquisa. O Globo, [S. l.], p. 1, 16 set. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/educacao/noticia/2024/09/16/brasileiros-estao-abrindo-mao-da-graduacao-para-gastar-com-bets-e-jogo-do-tigrinho-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2025.

AZEVEDO, R. Redes sociais são 'má influência' para brasileiro endividado, diz pesquisa. Valor Econômico, [S. l.], p. 1, 7 dez. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/noticia/2023/12/07/redes-sociais-sao-ma-influencia-para-brasileiro-endividado-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 7 abr. 2025.

BRUTES, L.; SEIBERT, R. M. O ensino da educação financeira a jovens de escolas públicas de Santo Ângelo. Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI, v. 10, n. 18, p. 174-184, 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Rosane-Seibert/publication/277141101_O_ENSINO_DA_EDUCACAO_FINANCEIRA_A_JOVENS_DE_ESCOLAS_PUBLICAS_DE_SANTO_ANGELO_The_Teaching_Financial_Education_for_Young_Public_Schools_Santo_Angelo/links/55635bca08ae8c0cab36ed0f/O-ENSINO-DA-EDUCACAO-FINANCEIRA-A-JOVENS-DE-ESCOLAS-PUBLICAS-DE-SANTO-ANGELO-The-Teaching-Financial-Education-for-Young-Public-Schools-Santo-Angelo.pdf>. Acesso em: 06 de abril de 2025.

CARDOSO, L. Brasil tem taxa de juros do cartão de crédito mais alta do mundo. Extra, [S. l.], p. 1, 26 ago. 2018. Disponível em: <https://extra.globo.com/economia-e-financas/brasil-tem-taxa-de-juros-do-cartao-de-credito-mais-alta-do-mundo-23005528.html>. Acesso em: 7 abr. 2025.

CARVALHO, C. E. As origens e a gênese do Plano Collor. Nova Economia, v. 16, p. 101-134, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/neco/a/ssvBSZh5JWNWtxbNFpWHKHR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 de abril de 2025.

CNDL BRASIL. Apenas 44% dos brasileiros falam com frequência sobre dinheiro dentro de casa, aponta estudo do SPC Brasil e CNDL. CNDL Brasil, [S. l.], p. 1, 3 abr. 2018. Disponível em: <https://fcdlmg.org.br/apenas-44-dos-brasileiros-falam-com-frequencia-sobre-dinheiro-dentro-de-casa-aponta-estudo-do-spc-brasil-e-cndl/>. Acesso em: 17 abr. 2025.

DONADIO, R. Educação financeira de estudantes universitários: uma análise dos fatores de influência. 2014. 148 f. Tese (Doutorado em Administração) — Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://bibliotecatede.uninove.br/bitstream/tede/999/2/Rosimara%20Donadio.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2025.

FRANCISCHETTI, C. E.; CAMARGO, L. S. G.; SANTOS, N. C. dos. Qualidade de vida, sustentabilidade e educação financeira. Revista de Finanças e Contabilidade da Unimep, v. 1, n. 1, p. 33-47, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/95462168/17-65-1-PB.pdf>. Acesso em: 06 de abril de 2025.

GIAMBIAGI, F.; VILLELA, A. A. Economia brasileira contemporânea. Elsevier Brasil, 2005. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/55931573/Resumo_ECONOMIA_BRASILEIRA_CONTEMPORANEA_2A_ED.pdf>. Acesso em: 07 de abril de 2025.

GUITARRARA, P. Inflação no Brasil. Brasil Escola, [S. l.], p. 1, 2023. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historia/inflacao-no-brasil.htm>. Acesso em: 06 de abril de 2025.

IANONI, M. Políticas públicas e Estado: o plano real. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, p. 143-183, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/zJXFW8TvZp35jQjQD7psypt/?lang=pt&format=html>. Acesso

em: 07 de abril de 2025.

MATSUE, C. Dívida dos brasileiros ultrapassa o valor do salário mínimo, aponta levantamento. Valor Investe, [S. l.], p. 1, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://valorinveste.globo.com/produtos/credito/noticia/2024/11/19/divida-dos-brasileiros-ultrapassa-o-valor-do-salario-minimo-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em: 16 abr. 2025.

MOLITERNO, D. Inadimplência volta a subir no Brasil em ano de debates sobre juros e endividamento. CNN Brasil, [S. l.], p. 1, 21 jan. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/inadimplencia-volta-a-subir-no-brasil-em-ano-de-debates-sobre-juros-e-endividamento/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

MOURA, J. 34% dos consumidores sabem a taxa de juros que contrataram, diz levantamento. Folha de São Paulo, [S. l.], p. 1, 18 fev. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2025/02/34-dos-consumidores-sabem-a-taxa-de-juros-que-contrataram-diz-levantamento.shtml>. Acesso em: 7 abr. 2025.

ONU NEWS. Por que a inclusão financeira é importante?. ONU News, [S. l.], p. 1, 7 jul. 2021. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2021/07/1755792>. Acesso em: 7 abr. 2025.

QIVE. O que é capital de giro e qual a sua importância. Qive, [S. l.], p. 1, 1 set. 2024. Disponível em: <https://qive.com.br/blog/capital-de-giro/#:~:text=A%20falta%20de%20um%20capital,renegociar%20prazos%20ou%20ajustar%20pre%C3%A7os>. Acesso em: 7 abr. 2025.

ROCHA, D. Por que metade dos brasileiros não consegue se planejar para o futuro. E-Investidor Estadão, [S. l.], p. 1, 19 jan. 2022. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/educacao-financeira/brasileiros-planejamento-financeiro-pesquisa/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

SANTOS, L. R. dos. Educação Financeira na Agenda da Responsabilidade Social Empresarial.

Raízes e Rumos. Boletim Responsabilidade Social e Ambiental do Sistema Financeiro, n. 39, 2009. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/boletimrsa/bolrsa200902.pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2025.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. de A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. Revista de Administração pública, v. 41, p. 1121-1141, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rap/a/XhqxBt4Cr9FLctVvzh8gLPb>. Acesso em: 06 de abril de 2025.

SERASA. Descubra o que é grau de endividamento. Serasa, [S. l.], p. 1, 30 out. 2023. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/limpa-nome-online/blog/descubra-seu-grau-de-endividamento/>. Acesso em: 17 abr. 2025.

SERASA CRÉDITO. Tipos de seguros: conheça as diferentes modalidades. Serasa Crédito, [S. l.], p. 1, 19 jan. 2024. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/credito/blog/tipos-seguros/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

SILVA, A. M.; POWELL, A. B. Currículos de Educação Financeira para a escola nos Estados Unidos. Revista de Educação, Ciências e Matemática, v. 6, n. 3, 2016. Disponível em: <https://publicacoes.unigranrio.edu.br/recm/article/view/4235>. Acesso em: 07 de abril de 2025.

SOUZA, G. S.; ROGERS, P.; ROGERS, D. Endividamento, qualidade de vida e saúde mental e física. Encontro Gestão e Negócios, 2019. Disponível em: <http://www.poncedaher.net.br/egen/sites/default/files/Endividamento%2C%20Qualidade%20de%20Vida%20e%20Sa%C3%BAde%20Mental%20e%20F%C3%ADsica.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2025.

SOUZA, R. A Psicologia do Consumismo: A Influência da Necessidade de Pertencimento nas Decisões Financeiras. Portal do Investidor, [S. l.], p. 1, 30 out. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/investidor/pt-br/penso-logo-invisto/a-psicologia-do-consumismo-a-influencia-da-necessidade-de-pertencimento-nas-decisoes-financeiras>. Acesso em: 7 abr. 2025.

SOUZA, R. G. Impacto da pandemia de Covid-19 na inflação e nas taxas de juros globais: Como a Covid-19 impactou a economia global e levou à elevação dos juros. Contábeis, [S. l.], p. 1, 21 nov. 2024. Disponível em: <https://www.contabeis.com.br/artigos/68143/impacto-da-pandemia-na-economia-global-inflacao-e-juros/#:~:text=As%20taxas%20de%20juros%20continuam,global%2C%20mant%C3%A9m%20um%20cen%C3%A1rio%20desafiador>. Acesso em: 7 abr. 2025.